

CATALISADORES PARA O ENVOLVIMENTO CÍVICO E RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA

PADRÕES DE ENVOLVIMENTO
ORIENTAÇÕES TEÓRICAS

PADRÕES DE ENVOLVIMENTO

ORIENTAÇÕES TEÓRICAS

Como nos envolvemos com a Catalisação
Comunitária como um fenómeno vivo

Introdução:

O consórcio de Catalisadores Comunitários tem trabalhado desde 2019 em projetos de investigação financiados U.E. para aprofundar a compreensão de como catalisar a transformação comunitária no sentido da resiliência e da regeneração. O nosso consórcio é formado por organizações que trabalham nas áreas de resiliência comunitária, design regenerativo, facilitação, educação popular e ativismo profissional há mais de duas décadas.

A nossa pesquisa é baseada em teorias transformativas de universidades pioneiras, onde aplicamos os seus modelos e enquadramentos para a transformação social. Isso garante rigor e consistência no processo de pesquisa.

O consórcio de catalisadores comunitários também quer garantir que as metodologias que propõe estão totalmente adaptadas às necessidades dos catalisadores locais, e por esta razão, os nossos projetos de investigação seguem sempre uma abordagem de investigação-ação participativa.

Este consórcio também está totalmente empenhado na descolonização como um processo necessário para alcançar equilíbrio, e, nesse caso, algumas das nossas fontes são a biomimética social, as cosmovisões e práticas indígenas, o conhecimento ecológico tradicional e as tradições rurais.

Nessas orientações, trazemos uma proposta disruptiva para catalisar comunidades para a resiliência e regeneração, onde seguimos uma abordagem evolutiva, propondo diferentes abordagens para responder a diferentes momentos comunitários.

Mesmo que estas metodologias sejam apresentadas de forma linear, possuem uma natureza sistêmica e podem ser aplicadas numa ordem diferente dependendo das circunstâncias e do contexto. Esta é uma versão Beta em andamento, que continuaremos evoluindo em projetos de pesquisa futuros.

Padrões de envolvimento:

Esta metodologia baseia-se num conjunto de Padrões que desenvolvemos com base na nossa experiência e inspirados no trabalho do Grupo Regenesi em processos de desenvolvimento. Os 8 padrões seguintes constituem 8 formas diversas de se envolver na Catalisação Comunitária de acordo com o contexto que cada Lugar está a experienciar e o potencial que está a emergir; orientam formas de interagir com o processo de Catalisação Comunitária apresentado por este consórcio no restante da plataforma www.catalyst.community.

Padrões	Convite
Sentir e Expressar a Essência	Envolver-se através da intuição, sentindo o lugar sendo expresso através da essência para incorporar a liberdade que permite a responsabilidade
Gerir Equilíbrio Dinâmico	Aceitar as polaridades ocultas ou explícitas (sombra e luz, de cima para baixo e de baixo para cima, objetivo e subjetivo) que estão presentes ao expressar ambos os espectros da essência para sustentar o nosso processo em direção a um equilíbrio dinâmico.

Nutrir a Mudança Emergente	Abordar a crise como um processo de renovação criativo e destrutivo gerar novas maturidades que transcendam a rigidez e a escassez, permitindo mudanças emergentes através da reconciliação
Trabalhar na Articulação do Todo	Tecer diversas expressões de totalidade, enfatizando a singularidade, para nutrir a articulação rumo ao pleno potencial
Possibilitar o Potencial de Florescer	Trazer à tona o valor da sua singularidade ao serviço da biorregião, adquirindo as capacidades específicas necessárias ao longo do processo.
Adaptar às Mudanças de Contexto	Possibilitar o diálogo transcontextual para enfatizar a diversidade através da convergência das arestas gerando nós que articulam a pluralidade.
Transforme estruturas obsoletas	Mergulhar profundamente na essência cultural para entender como romper as estruturas atuais, permitindo o surgimento de um novo paradigma
Co-evoluir com a Biorregião	Assumir total responsabilidade pela sua singularidade a serviço da biorregião, ouvindo e nutrindo a evolução

Nos próximos capítulos iremos desenvolver uma compreensão da importância destes padrões, da relação entre eles e das circunstâncias em que estes podem ser úteis.

FUNÇÃO

1. Sentir e Expressar a Essência (O Tórus):



Os tempos atuais são desafiados pela capacidade de adaptação aos ritmos da vida na Terra. Nós, como seres humanos, estivemos envolvidos numa série de processos de profunda transformação violenta nos últimos milénios. Estas transformações da nossa cultura e sociedades criaram um trauma coletivo, que definido por Gabor Mate é “uma ferida psíquica que nos endurece psicologicamente e que interfere na nossa capacidade de crescer e se desenvolver. Dói, e agora você está a agir com dor. Isso induz medo, e agora você está a agir por medo. Trauma não é o que acontece consigo, é o que acontece dentro de si como resultado do que aconteceu consigo. Trauma é aquela cicatrização que o deixa menos flexível, mais rígido, a sentir menos e a defender mais.”

Quando aplicada aos coletivos, a nossa sociedade profundamente traumatizada está a tornar-se menos flexível, mais rígida, a sentir menos e defender-se mais. Portanto, a nossa capacidade de adaptação diminui consideravelmente. Agimos reproduzindo a violência que sofremos, gerando

mais sofrimento e traumas num ciclo vicioso que está a levar o mundo como o conhecemos a um provável colapso.

As cosmovisões indígenas em todo o planeta, por outro lado, desenvolveram tecnologias de reconciliação que permitem às comunidades curar os seus traumas e, portanto, manter a sua capacidade de adaptação e evolução, o que a nação Siksika chama de perpetuação cultural (Cindy Blackstock, 2011). Uma capacidade que perdemos na confusão gerada pelo violento processo de globalização e que exortamos a recuperar. O processo de cura começa no momento em que a violência cessa, compreendendo a violência no seu espectro mais amplo, que segundo Johan Galtung inclui: violência direta, violência estrutural e violência cultural. A violência direta é autoexplicativa, mas a violência estrutural e cultural é um pouco mais difícil de compreender. Nas palavras de Johan Galtung, a violência estrutural é “a deficiência evitável das necessidades humanas fundamentais” e a violência cultural é entendida “como qualquer aspecto da cultura que possa ser usado para legitimar a violência na sua forma directa ou estrutural”. Quando os três diferentes tipos de violência são reconciliados, surge a cura, pois a natureza prospera quando as condições são satisfeitas.

Este processo também foi expresso na Teoria de Santiago, onde Francisco Varela e Humberto Maturana definiram o que é a vida como “*Os sistemas vivos são unidades de interações; eles existem em um ambiente. De um ponto de vista puramente biológico, não podem ser compreendidos independentemente da parte do ambiente com a qual interagem: o nicho; nem pode o nicho ser definido independentemente do sistema vivo que o especifica.*” Com esta definição, geraram o conceito de autopoiese que definido por Fritjof Capra “*é um padrão em rede onde a função de suas partes é participar da produção e transformação de outras partes da rede, pois esta rede está sendo autoproduzida continuamente*”.

Um sistema vivo, de uma perspectiva autopoietica, cria o seu ambiente à medida que é criado pelo seu ambiente. Portanto, uma sociedade traumatizada está a gerar violência ao seu ambiente, que por sua vez gera violência a esta sociedade, num ciclo degenerativo que

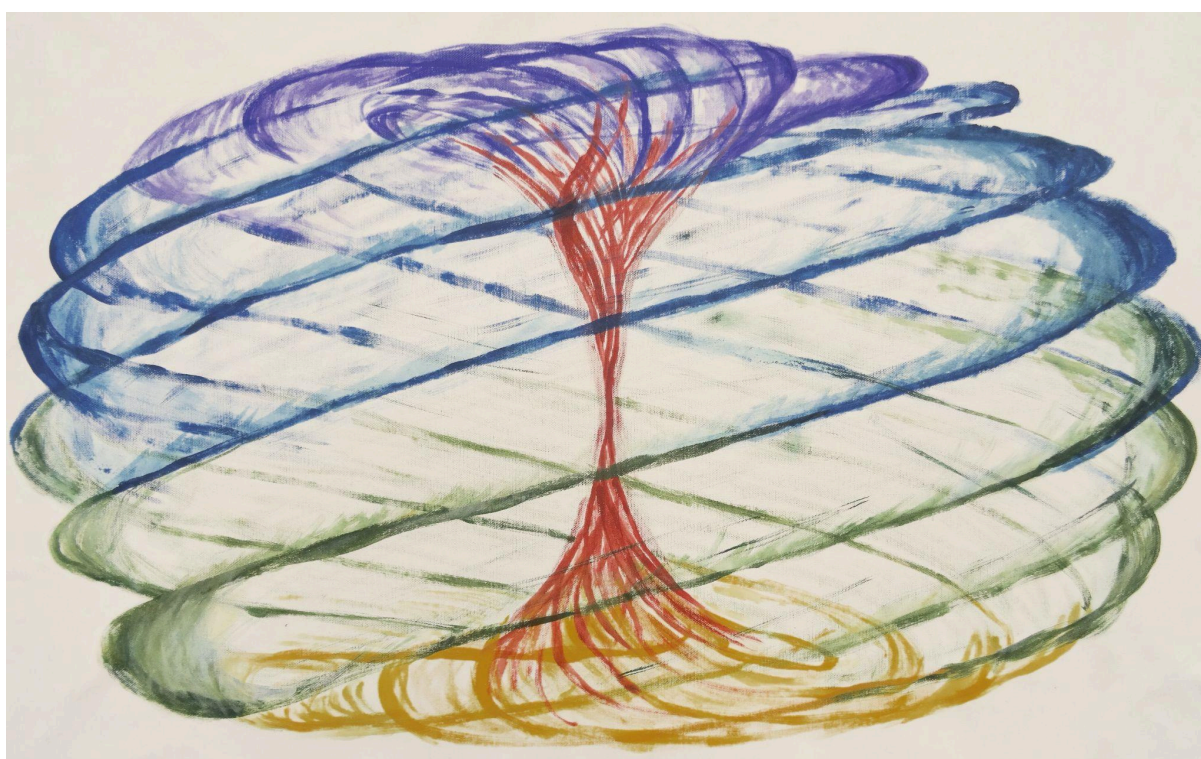
termina em colapso. Para quebrar esse padrão, precisamos curar os traumas internos que nos levam a reagir de determinadas maneiras, repetindo os mesmos erros indefinidamente. Como é sabido, Albert Einstein expressou que “não podemos resolver os nossos problemas com o mesmo pensamento que usamos quando os criamos”. Quando curamos as nossas comunidades, isso permite-nos responder em vez de reagir, e ser criativos para gerar mais complexidade nas soluções propostas.

Para expressar esse tipo de ciclo, o formato do tórus é o mais preciso, pois o seu movimento vai de fora para dentro acompanhando a observação e reconhecimento de nossa natureza coletiva, e depois de dentro para fora expandindo o âmago do nosso ser já com uma sensação profundamente sentida, a compreensão do nosso lugar na Paisagem da qual fazemos parte. A contração e a expansão dão-nos tempo para reflexão interior e para evitar respostas reativas às condições que enfrentamos e, em vez disso, trabalhamos o núcleo do ser do Lugar para realmente trabalharmos com a essência daquilo que está a criar trauma e a levar à violência estrutural.

Por esse motivo, convidamos a iniciar um processo transformativo coletivo seguindo o padrão do tórus, **envolver através da intuição, sentir o lugar sendo expresso através da essência para incorporar a liberdade que permite a responsabilidade.**



Este processo, tendo o tórus (vórtice toroidal) como padrão natural orientador, permite-nos compreender a totalidade que surge da relação entre nós e nosso lugar.



2. Gerir o Equilíbrio Dinâmico (Orla do Caos):



A evolução é um processo sem fim em direção à complexidade, e para sermos capazes de curar as nossas comunidades precisamos nos envolver novamente na co-evolução do planeta, assumindo nosso papel no processo de homeostase global, que é o resultado de todas as relações recíprocas entre todos os seres vivos do planeta, gerando a biosfera e possibilitando condições para a vida.

Para sermos capazes de expressar todo o nosso potencial, precisamos aumentar nossa consciência. O processo de tomada de consciência acontece quando conseguimos prestar atenção a partes de nós mesmos, individual ou coletivamente, que antes estavam ocultas e que regem o nosso comportamento. Os psicólogos descobriram que 90% dos nossos comportamentos são inconscientes ou subconscientes, impulsionados pelo desejo de autopreservação do nosso cérebro primitivo e pelo nível de impulso ou reatividade do nosso cérebro emocional a qualquer situação. Os outros 5% são a mente consciente, que determina nossas ações e escolhas. A mente inconsciente determina as reações, e as reações são tão importantes quanto as ações.

Estas reações são um espelho do que acontece dentro de si como resultado do que aconteceu consigo, como Gabor Maté define o trauma.

Quando não meditamos ou não fazemos reflexão e desenvolvimento pessoal ou coletivo, estas experiências passadas governam as nossas vidas, por vezes até herdadas da cultura interna da nossa família ou comunidade. Quando toda uma sociedade está traumatizada, e escondendo os sofrimentos e conflitos debaixo do tapete, a reatividade passa a ser a regra.

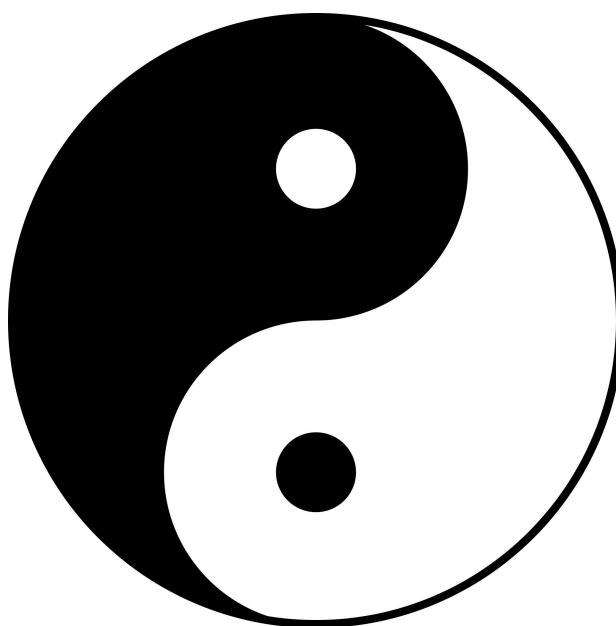
A nação Anishinabe no Canadá tem um conceito chamado Wetiko, que faz referência a um vírus espiritual que entra nas pessoas e as faz se comportar como canibais, onde consomem a vida de outras pessoas em seu próprio benefício, terminando num comportamento autodestrutivo onde destroem tudo o que gera condições de vida. Este conceito, partilhado por muitas nações indígenas no mundo, expressa a doença do norte global, onde extraímos recursos em todo o planeta para manter um modo de vida insustentável, levando-nos a todos ao colapso.

Wetiko é a consequência de uma sociedade que perdeu as suas tecnologias comunitárias para poder conciliar conflitos e sofrimentos num processo de aprendizagem que permita a evolução. E, portanto, isso está em modo reativo causado por trauma interno. De certa forma, todo esse trauma é uma informação valiosa do passado que nos permitiria aprender com os nossos erros e gerar um futuro melhor, ou seja, é um tesouro escondido que quando não olhado vira veneno.

No primeiro Padrão de Envolvimento, introduzimos o todo emergindo do tórus. Mas muitas vezes, quando existe um todo, a polarização pode acontecer. Poderíamos entender isso como um limite de crescimento do todo. A parte que não está a ser totalmente aceite, mas que quando é aceite, aumenta o valor do todo, possibilitando a evolução.

A teoria do caos também reflete essa dinâmica, sendo o limite entre o caos e a ordem o lugar que a vida procura alcançar. Todos os sistemas se situam num espectro, entre a ordem e a desordem. Os sistemas ordenados são rígidos, repetitivos e previsíveis, mas também são altamente eficientes. Os sistemas desordenados são imprevisíveis e caóticos, mas também são altamente criativos. Entre os dois está a Orla do Caos, onde emerge a complexidade máxima. Onde os sistemas evoluem e onde a vida acontece.

Quando somos capazes de conciliar a nossa rigidez interior, o nosso trauma colectivo, como caos exterior, o contexto em constante mudança, podemos envolver-nos gerando mais complexidade através da criatividade. O que os taoístas chamam de Ying Yang, é a ideia de dualismo, que forças aparentemente opostas ou contrárias podem, na verdade, ser complementares, interligadas e interdependentes no mundo natural.



Propomos que este segundo Padrão de Envolvimento seja utilizado num contexto onde esta polarização está presente e o desejo de catalisar o processo de evolução da comunidade rumo a um equilíbrio dinâmico.

Por essa razão, convidamos a seguir um processo inspirado na Orla do Caos representada na geometria simbólica Ying Yang como representação da dualidade em um movimento toroidal, **aceitando as polaridades ocultas ou explícitas** (sombra e luz, de cima para baixo e de baixo para cima, objetivo e subjetivo) **que estão presentes, expressando ambos os espectros de essência para sustentar o nosso processo rumo a um equilíbrio dinâmico.**

Este processo com a orla do caos permite compreender o equilíbrio dinâmico do todo.

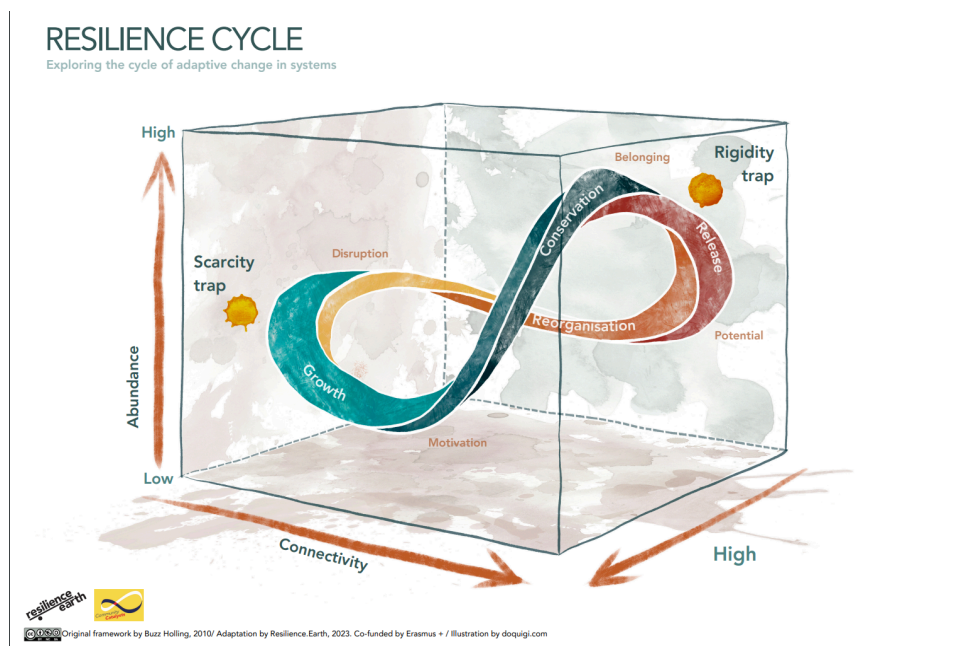
3. Nutrir a Mudança Emergente (Ciclo de Resiliência):



A vida é incerta e em constante mudança. Quando integramos a sombra, permitimos respostas criativas adaptadas ao contexto em mudança. Mas é mais fácil falar do que fazer. Mudança, mais que um conceito é uma categoria, e no momento histórico que vivemos deveria ser como o povo Inuit, que tem 70 palavras para nomear diferentes tipos de neve, deveríamos ter 70 palavras para nomear diferentes tipos de mudança. Ultimamente, muitas definições diferentes de mudança estão a ser especificadas, como:

- Mudança Ocorrida: o impacto de fatores externos
- Mudança Reativa: reação a um evento
- Mudança Antecipatória: preventiva de um evento
- Mudança Planeada: melhoramento da situação atual
- Mudança Incremental: implementada gradualmente
- Mudança Operacional: necessidade de otimizar
- Mudança Estratégica: gera efeitos em cascata
- Mudança Direcional: quando uma estratégia não pode ser implementada
- Mudança Fundamental: redefinição de propósito
- Mudança Transformacional: profunda e disruptiva

Um sócio-ecologista chamado Buzz Holling, na década de 80, começou a falar sobre mudança adaptativa através do que ficou conhecido como Ciclo de Resiliência. O que define uma estrutura sistémica que pode ser aplicada a sistemas ecológicos e sociais. Este modelo explica que aumentamos gradualmente a rigidez até que o nosso sistema não consiga mais adaptar-se ao contexto atual e atinja uma profunda crise de colapso. Aí entramos na fase de libertação, onde o sistema cai e gera espaço para que algo novo surja. Nesse espaço criado, inicia-se a reorganização e deparamo-nos com a necessidade de gerar uma nova organização que seja complexa o suficiente para se sustentar. Se não atingir o nível necessário, cai na escassez que degenera rumo ao colapso, mas se atingir, gera um novo sistema adaptado e capaz de prosperar no novo contexto, caminhando novamente para a rigidez e em seguida para o colapso e assim infinitamente. A parte interessante deste modelo é que, quando compreendido, somos capazes de *hackear* o processo e abordar a crise em colapso a partir de uma perspectiva criativa, onde identificamos antecipadamente a nossa rigidez e iniciamos uma reorganização contínua, tornando-nos uma comunidade muito mais flexível e adaptável.



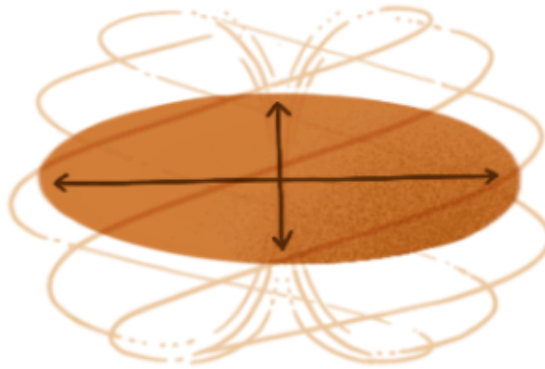
Depois de identificarmos as polarizações na comunidade, através deste terceiro Padrão de Envolvimento somos capazes de gerar uma Reconciliação e uma Teoria de Mudança, onde assumimos a responsabilidade pelo processo de evolução da nossa comunidade. A Reconciliação é um conceito complexo que em alguns países foi diluído do seu significado original. Recorrendo novamente ao CET (Conhecimento Ecológico Tradicional) indígena, Sandlanee Gid da nação Shíshálh em BC, Canadá, expressa que “a Reconciliação é aplicada quando teve à partida uma boa relação e depois está a conciliar a relação”. Não se trata de negociar ou trazer igualdade, trata-se de equidade, singularidade e empatia. Trata-se de nos compreendermos profundamente e gerarmos uma nova posição que agregue valor não apenas às posições polarizadas, mas a toda a comunidade e ao lugar. Este processo consiste em tecer as relações da comunidade através de todos os parentes.

Para o Norte Global, o conceito de parentesco foi profundamente perturbado e diminuído para os membros mais próximos da família através do processo de fragmentação gerado por diferentes tipos de violência. Mas para comunidades indígenas resilientes, o conceito de parentesco incorpora toda a comunidade numa rede profundamente interligada. Para o povo Yolŋu em Arnhem, norte da Austrália, Gurrutu é um tipo de parentesco tão extenso quanto podemos lembrar-nos e não é limitado a relações de sangue. Esta compreensão do intrincado sistema Gurrutu enquadra a visão do mundo Yolŋu e sustenta todos os aspectos da cultura Yolŋu, tornando-se comunidades centradas em Gurrutu. Ao reconciliar, é importante não focar apenas na violência direta, mas também na violência estrutural que criou as condições e na violência cultural que a legitimou. Compreender e conciliar a violência estrutural e cultural gera um impacto em toda a rede de parentesco da comunidade e do território, aprendendo com o trauma e permitindo mudanças emergentes.

Para isso, convidamos a **abordar a crise como um processo de renovação criativo e destrutivo para gerar novas maturidades que transcendem a rigidez e a escassez, permitindo mudanças emergentes através da reconciliação.**

Este processo com o Ciclo de Resiliência permite-nos reconciliar e catalisar diferentes tipos de mudança.

4. Trabalhar a Articulação do Todo (Roda da Medicina):



No Norte Global, as comunidades estão a ser fragmentadas através da violência estrutural, do estilo de trabalho, do ambiente urbano, da forma de compreender a economia ou da nossa relação com a natureza, entre outros comportamentos. Tudo isto está a afectar profundamente o nosso sentido de comunidade, gerando isolamento, depressão, frustração e vidas sem sentido. Os Wetiko incorporados nas nossas culturas, cheios de ganância e medo, estão a gerar amnésia na nossa identidade e pertença, empobrecendo e degenerando as nossas culturas.

Com este Padrão de Envolvimento, uma vez que tenhamos entrelaçado as partes fragmentadas da nossa comunidade através da Reconciliação, é importante consolidar e articular a comunidade para podermos expressar a sua singularidade.

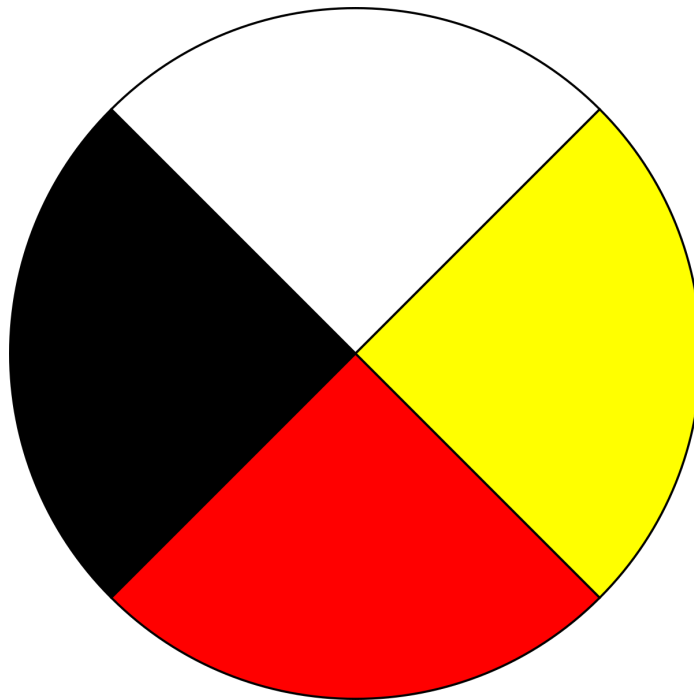
Os povos Zulu e Xhosa da África Austral desenvolveram o conhecido conceito de Ubuntu, que muitas outras línguas Bantu partilham com significados ligeiramente diferentes. Ubuntu significa “eu sou porque nós somos” ou “a crença num vínculo universal de partilha que liga toda a humanidade”. Lealdade, solidariedade, verdade e reconciliação são valores

profundamente ligados ao Ubuntu. Isto significa que a nossa existência quotidiana é resultado dos esforços coletivos e colaborativos de outros. Num certo sentido, é o oposto complementar de Wetiko. Se Wetiko é o vírus que ameaça a humanidade, Ubuntu é a sua vacina.

Para trabalhar com a cura comunitária, precisamos passar do Paradigma Eu para o Paradigma Nós, dois paradigmas complementares que se espelham, um expressando os instintos básicos da humanidade e o outro o seu propósito superior.

Articular comunidades para este fim requer alguma sabedoria da Alta Comunidade CET (Conhecimento Ecológico Tradicional), da Nação Cree. Wahkohtowin é uma palavra Cree que significa a natureza interconectada dos relacionamentos, comunidades e sistemas naturais. Este conceito está incorporado na lei Cree, que se baseia na narração de histórias.

Wahkohtowin é comumente representado como um círculo que representa a interconexão das partes de um todo. É uma das muitas representações do modelo pan-indígena, conhecido como Roda da Medicina, que dá a direção de como viver uma vida saudável. A Roda da Medicina é sempre dividida em quatro quadrantes orientando os quatro pontos cardeais que representam diferentes partes da vida num continuum.



Wahkohtowin muitas vezes assume a forma de um círculo que reúne a comunidade para cura, governança ou oração. Os quatro quadrantes podem referir-se a muitas coisas ou princípios jurídicos diferentes da lei Cree. Uma das organizações possíveis é através da identidade, onde cada uma das pessoas precisa compreender a sua posição identitária no círculo, para então aceitar a responsabilidade relacionada com ela. Quando expressa através de sistemas aninhados, a pessoa vai para o círculo central, seguida pela família, depois pela comunidade e por último pela nação. Na cosmovisão Cree, a identidade individual é inseparável do lar, da família, da comunidade ou do lugar.

Quando organizadas em torno da comunidade, as crianças vão para o meio como o tesouro mais bem guardado, o próximo círculo é para os mais velhos que guardam a sabedoria. Depois as mulheres, que nutrem a comunidade, e finalmente os homens, que assumem a responsabilidade pela segurança. Tudo isso junto cria um Wahkohtowin saudável.

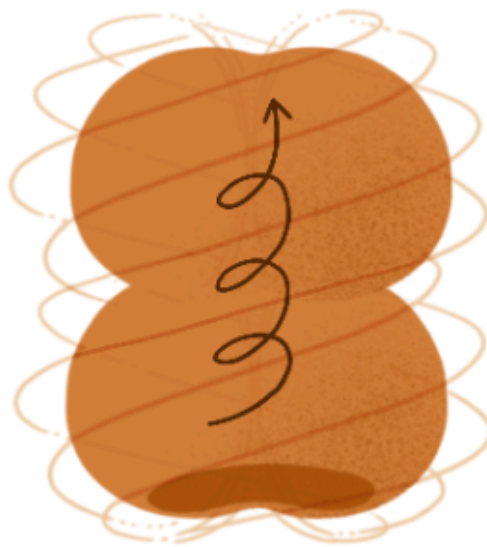
Neste momento, trabalhar com o padrão Roda da Medicina permite que a comunidade se articule em relações saudáveis.

O convite é que o faça **tecendo diversas expressões do todo, enfatizando a singularidade, para nutrir a articulação rumo ao pleno potencial.**

Este processo com a Roda da Medicina permite articular a comunidade em torno de encontrar e expressar a sua própria singularidade.

SER

5. Possibilitar o Potencial de Florescer (Tórus Duplo)



Agora que articulamos a comunidade através de relações saudáveis no Paradigma Nós, é hora de ir mais longe e ver do que esta comunidade é capaz. Como esta nova totalidade pode permitir o florescimento do potencial.

Nas nações Quechua e Aymara, o conceito de comunidade é denominado Ayllu. Este conceito refere-se a pessoas com um ancestral comum a viver num lugar precisamente definido. Os humanos não existem por si próprios, mas sim em relação aos outros. Os Ayllus existiam desde antes da conquista e ainda existem hoje em algumas regiões. Estas são estruturas sociais autônomas de gestão, educação, justiça, agricultura, comércio e assim por diante.

No modelo Ayllus, existe outro conceito denominado Ayni, uma espécie de trabalho recíproco entre diferentes famílias para se ajudarem em trabalhos específicos. Mas quando a reciprocidade vai mais além, e trabalham para um bem comum, como que traçando um caminho, então chama-se Minka, o trabalho relacionado com toda a comunidade que traz benefício coletivo. E quando seria um trabalho entre diferentes Ayllus investindo juntos para um objetivo comum, a isso chama-se Waki. Os Ayllus também eram comumente divididos em duas metades, estas eram complementares e relacionadas à sua posição geográfica, assumindo diferentes funções e responsabilidades. A singularidade do seu lugar e as suas possibilidades definiriam a forma como interagiriam com as outras comunidades para agregar valor.

Esta extensa rede de solidariedade, cooperação, reciprocidade e complementaridade, em diferentes sistemas aninhados, como famílias, comunidades e nações, implica que cada um trabalhe a partir da sua singularidade para todo o ecossistema. Então cada comunidade quer nutrir o potencial das outras, pois funcionam como órgãos do mesmo organismo, e quanto mais uma parte se exprimir plenamente, melhor para o todo, zelando pelo justo equilíbrio. Esse comportamento nutre a evolução cultural.

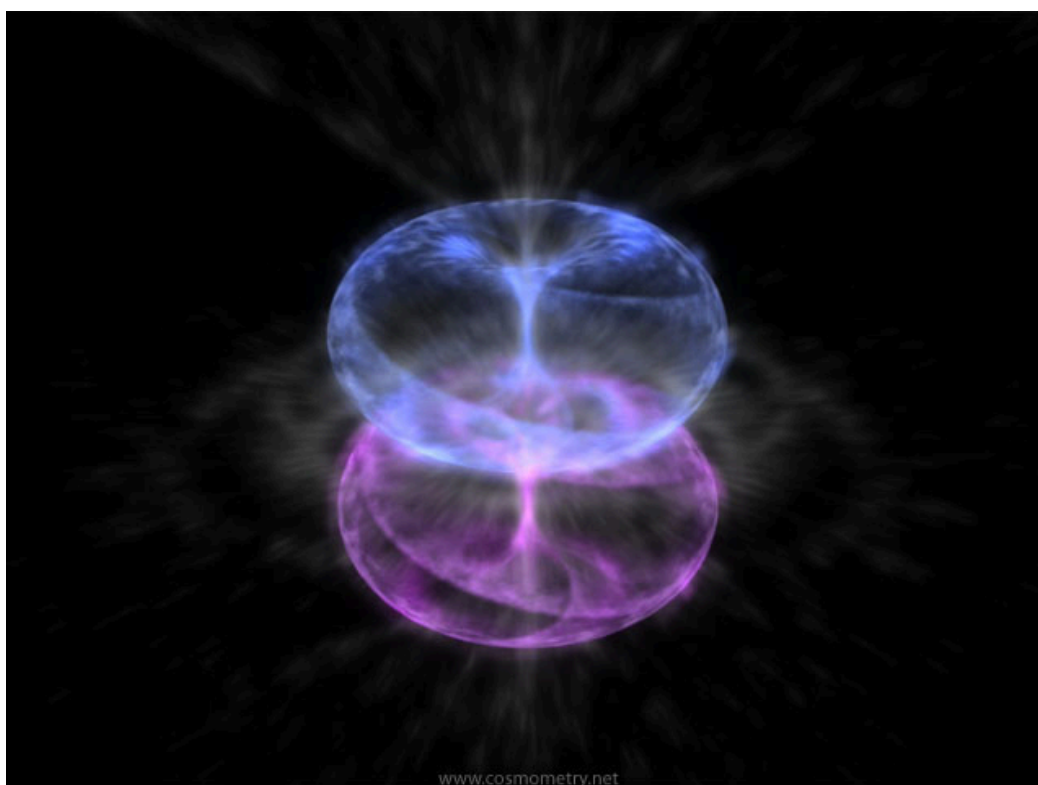
Trabalhar a expressão coletiva da reciprocidade reúne a necessidade de desenvolver interiormente uma singularidade que está em contínua transformação ao encontrar o todo que é a comunidade e o seu lugar.

Para isso, um movimento exterior é acompanhado por um movimento interior, trazendo aprendizagem contínua e expressão interativa. Um movimento que simultaneamente espiritualiza a matéria e materializa o espírito.

Assim, com este Padrão de Envolvimento, procuramos, paralelamente, projetar a jornada de aprendizagem transformadora para que o nosso eu ecológico seja capaz de complementar o potencial que surge do Lugar e da comunidade com o trabalho de autodesenvolvimento individual necessário, para permitir que todo o potencial deste momento

emerja. Por isso, procuramos processos eco-psicológicos profundos que aproximem cada pessoa do seu pleno potencial, ao mesmo tempo que acompanhamos esse processo com um design comunitário regenerativo e colaborativo que expressa a singularidade de cada lugar e os seus elementos humanos e não-humanos.

Espelhando o primeiro Padrão de Envolvimento que faz um ciclo de catalisação com um ciclo completo de um fluxo toroidal, focando no local e catalisando-o para níveis de regeneração intensificada, neste Padrão de Envolvimento acompanhamos tal processo com tantos ciclos individuais quantos participantes no processo, para que cada catalisador também trabalhe para trazer todo o potencial do armário para a mesa de design e para o trabalho de catalisação.



Para concretizar esse propósito, propomos **trazer o valor da sua própria singularidade ao serviço da biorregião, adquirindo as capacidades específicas necessárias ao longo do processo.**

6. Adaptar às Mudanças no Contexto (Semente da Vida):



Caminhamos em direção a comunidades de ordem superior, onde sejam capazes de ser plenamente elas próprias, ao serviço da biorregião. Mas a sombra é inerente a todo processo que desenvolvemos. Nesta fase, estamos a espelhar a fase 2, precisamos prestar atenção às vozes marginalizadas, lidar com o poder e o privilégio e incorporar a interseccionalidade.

A complexidade está a surgir, há muitas perspectivas diferentes numa comunidade que não podem ser expressas devido à normalização e à padronização, duas formas diferentes de violência estrutural. O nosso atual sistema democrático também não promove esses diálogos, uma vez que se baseia num sistema centralizador de partidos políticos baseados em ideologias.

Mas as ideologias são apenas uma extrapolação intuitiva da vontade da população. Um sistema definitivamente necessário para transcender as ditaduras e os governos diretivos do século passado, mas

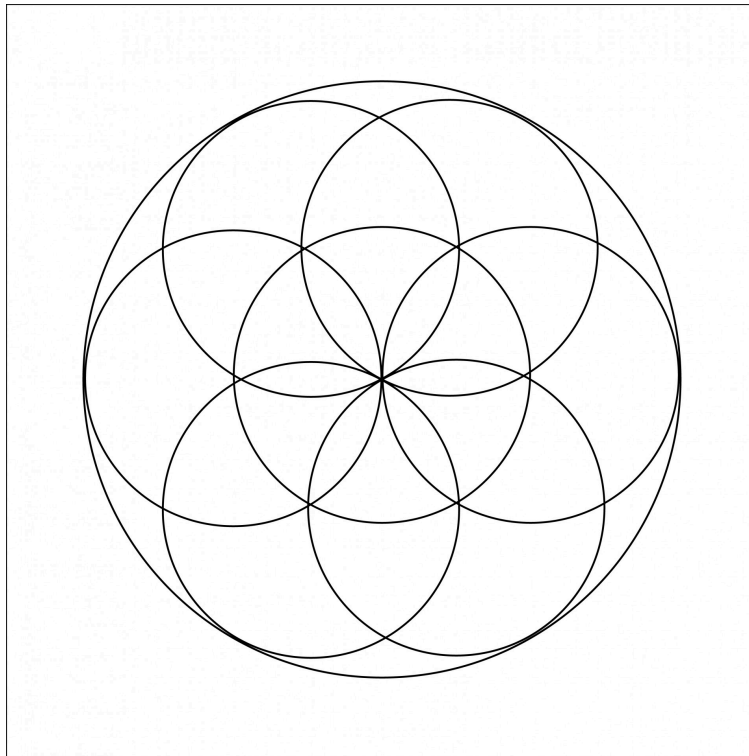
completamente anacrónico neste momento histórico, onde temos as tecnologias e as capacidades para fazer evoluir a democracia. O diálogo transcultural contínuo e a governança distribuída definem o próximo passo na democracia. Isto permite-nos expressar o que somos capazes de nos tornar, e a escuta profunda do contexto através das diversas vozes das periferias permite-nos compreender o que a biorregião precisa que nos tornemos. Esses dois processos complementares geram a reconciliação que define a direção da comunidade inserida na biorregião.

Com este Padrão, propomos gerar uma rede profundamente interconectada que ouve todas as vozes, enfatizando as marginalizadas, pois a sua informação única é altamente valiosa para o processo comunitário. Esta rede não deve excluir as vozes dos habitantes não humanos, pois em muitos casos estes são os mais marginalizados nas nossas biorregiões e provavelmente os que trazem mais valor para o nosso futuro. Reconectar-se à nossa terra significa recuperar a toponímia, relacionar os diversos lugares da nossa biorregião a partir de uma relação íntima, recuperar as nossas línguas e dialetos que evoluíram com o lugar, expressando de forma única a sua essência. Isto também implica a gestão do valor da biodiversidade, nutrindo-a para ajudá-la a florescer. E tornar-se um nó significativo na intrincada rede da vida, onde finalmente passamos do egocentrismo para o ecocentrismo, como Satish Kumar expõe.

A Confederação Haudenosaunne, em Ontário (Canadá), é uma das democracias mais longevas do mundo, que inspirou a nossa atual democracia na Europa. O seu modelo de soberania relacional exemplifica como as comunidades podem apoiar, proteger e manter o equilíbrio sem comprometer a agência dos seus povos ou a saúde do ecossistema. A história de sua criação explica que os Haudenosaunee vêm e estão relacionados com a Terra, a nossa Mãe. A Kayanerenkó:wa, a Grande Lei da Paz, mostra-lhes como devem continuar a viver em relação com a nossa Mãe e uns com os outros. Dizem: “De acordo com a nossa lei, a terra não é propriedade privada que possa ser detida por qualquer indivíduo. Na nossa visão de mundo, a terra é um direito coletivo. É mantido em comum para o

benefício de todos. Cayuga Snipe, da Confederação Haudenosaunee, lembra-nos que “Sem terra para crescer como comunidade, mais gerações de crianças Haudenosaunee sofrerão os danos do colonialismo” (Clifford Atleo, 2022).

A colonização não é algo que aconteceu exclusivamente nos últimos séculos, perpetrado pelos países ocidentais, mas também que tem sido um padrão comum nos últimos milénios, onde comunidades e sociedades em todo o mundo sofreram e sentiram as consequências da fragmentação social, da amnésia cultural e perderam a conexão com o lugar. Uma vez que as sociedades caíram neste caminho Wetiko, reproduziram a mesma violência que receberam. Leroy Little Bear, um estudioso Blackfoot, diz que a colonização tentou destruir as visões de mundo indígenas através de uma variedade de métodos eliminatórios e assimilativos e, embora tenham falhado, somos deixados a navegar pela herança da colonização e pelas estruturas persistentes do colonos, com qualquer contexto cultural temos que proteger e manter (Clifford Atleo, 2022). No caso das comunidades rurais europeias, é difícil justificar que os diferentes processos de colonização que nos afetam não tenham tido sucesso, mas também é claro que ainda mantemos alguma da nossa singularidade. Talvez ouvir profundamente as diferentes vozes da nossa comunidade e da nossa terra nos ajude a acordar.



Com este Padrão de Envolvimento trabalharemos com a Semente da Vida, um símbolo comum encontrado em muitos lugares da Europa antiga, como parte da nossa herança pré-colonial. Esta geometria, gerada pela sobreposição de seis + um círculos, refere-se à interconectividade da vida, à sua criação e à consciência envolvida. Este símbolo pode ajudar-nos a compreender a importância das vozes sobrepostas das nossas comunidades, onde estas sobreposições representam o diálogo que mantém a comunidade unida.

O convite é que o faça através e **possibilitando o diálogo transcontextual para enfatizar a diversidade através da convergência das extremas gerando nódulos que articulam a pluralidade.**

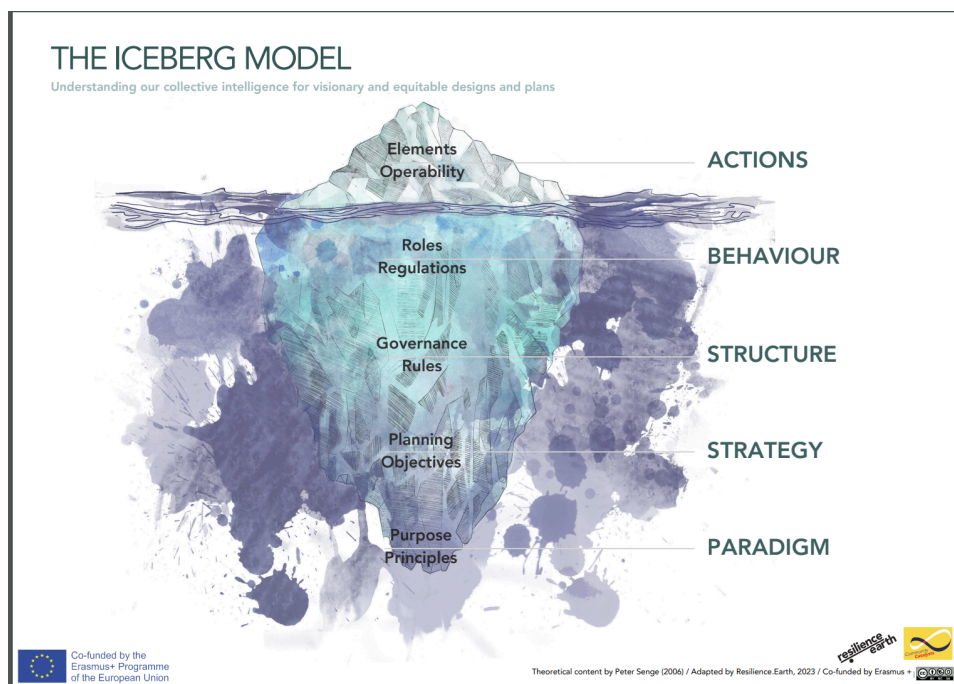
Este processo com a semente da vida permite-nos assumir a responsabilidade pelo nosso poder e privilégios e nutrir a pluralidade.

[Ilustração do Toro - Semente de vida]

7. Transformar Estruturas Obsoletas (Iceberg):



Em 1972, Donella Meadows, do MIT, juntamente com outros pesquisadores, escreveu “*Os Limites do Crescimento*”, um livro controverso que se tornou um clássico. Este livro previa, com bastante precisão, a nossa atual situação de desenvolvimento que enfrentava um colapso em cascata. Depois disso, Donella trabalhou no conceito de Pontos Impulsionadores, que ela definiria como “lugares num sistema complexo (uma empresa, uma economia, um corpo vivo, uma cidade, um ecossistema) onde uma pequena mudança numa coisa pode produzir grandes mudanças em tudo”. Peter Senge, também contribuiu para a gestão da mudança através do pensamento sistémico, ao escrever o seu livro mundialmente conhecido *A Quinta Disciplina*, onde simplificou a forma de intervir num sistema, e desenvolveu o conhecido Modelo Iceberg. Este modelo evoluiu na última década para a estrutura conhecida como Teoria U, proposta por Otto Scharmer, também estudioso do MIT.



Os principais pontos impulsionadores situam-se no fundo do Iceberg, onde encontramos o nível do paradigma. Mas os paradigmas são difíceis de compreender como expressa Donella: “Seu paradigma é tão intrínseco ao seu processo mental que dificilmente temos consciência da sua existência, até se tentar comunicar com alguém com um paradigma diferente”. Para podermos evoluir o nosso próprio paradigma, ela propõe que devemos “lembrar-nos, sempre, que tudo o que sabemos, e tudo que todo mundo sabe, é apenas um modelo. Leve o seu modelo onde ele possa ser visualizado. Convide outras pessoas a desafiar suas suposições e a acrescentar as suas”. Se conseguíssemos despertar para a influência que os nossos paradigmas têm nas nossas vidas, e se desenvolvêssemos uma cultura em torno disso, esta provavelmente seria a mudança que precisamos para mudar tudo e gerar um futuro próspero e esperançoso. Como Donella expressa: “As pessoas não precisam de carros enormes; eles precisam de admiração e respeito. Eles não precisam de um fluxo constante de roupas novas; eles precisam sentir que os outros as consideram atraentes e precisam de entusiasmo, variedade e beleza. As pessoas não precisam de entretenimento eletrónico; elas precisam de algo interessante para ocupar suas mentes e emoções. E assim por diante. Tentar preencher necessidades reais mas não materiais – de identidade,

comunidade, auto-estima, desafio, amor, alegria – com coisas materiais é criar um apetite insaciável por falsas soluções para anseios nunca satisfeitos. Numa sociedade que se permite admitir e articular as suas necessidades humanas não-materiais, e encontrar formas não-materiais de satisfazê-las, o mundo necessita de recursos materiais e energéticos muito mais baixos e proporciona níveis muito mais elevados de realização humana.”

A cultura indígena tibetana, agora profundamente imersa num processo de colonização através da assimilação, sob o domínio da China, tem muitas coisas a ensinar-nos sobre o paradigma e o trabalho de consciência a nível comunitário. Com o seu enorme ênfase na espiritualidade, o autor Huston Smith descreveu-os como “assim como as florestas tropicais estão para a atmosfera da Terra, assim o povo tibetano está para a alma deste planeta...”. Sendo mestres no treino das suas mentes, tornaram-se uma fonte de sabedoria em todo o mundo, lembrando-nos sobre nossa natureza interior. Como explica o Dalai Lama: “Uma mente disciplinada leva à felicidade, e uma mente indisciplinada leva ao sofrimento”.

A sociedade tibetana, longe de ser perfeita, desenvolveu a sua forma de perpetuar a sua sabedoria cultural, através da adaptação de toda a estrutura da sua sociedade em torno da espiritualidade. Isto, por sua vez, gera um comportamento consciente que promove a prática espiritual diária, que leva a pessoas mais pacíficas. Uma pessoa pacífica pode influenciar uma família pacífica. E muitas famílias pacíficas podem catalisar uma comunidade pacífica, e assim por diante. Como é amplamente conhecido, Gandhi disse: “As Suas crenças tornam-se os seus pensamentos. Os seus pensamentos tornam-se as suas palavras. As suas palavras tornam-se as suas ações. As suas ações tornam-se os seus hábitos. Os seus hábitos tornam-se os seus valores. Os seus valores tornam-se o seu destino.”

Depois de termos articulado a nossa comunidade com o Padrão de Envolvimento 6, ouvindo profundamente a pluralidade das diversas vozes,

neste sétimo Padrão de Envolvimento queremos encorajar o aprofundamento da compreensão da violência cultural e estrutural das nossas sociedades como diferentes camadas de ondas de colonização passadas. E voltar deste processo, disruptindo uma mudança regenerativa através do núcleo interno das nossas comunidades.

Convidamos a fazer isso **mergulhando profundamente na essência cultural para entender como romper regenerativamente as estruturas atuais, permitindo o surgimento de um novo paradigma.**

Este processo com o iceberg e a teoria U permite-nos romper o contexto opressor para permitir que as nossas comunidades expressem plenamente a sua diversidade.

8. Coevoluir com a Biorregião (Proporção de Ouro):



Comunidades plenamente articuladas e capazes de ouvir a pluralidade das vozes internas são organizações profundamente resilientes. Capazes de sentir o seu ambiente a partir de uma variedade de perspectivas; capazes de entrar em conflito a partir de uma abordagem criativa; capazes de sustentar divergências saudáveis e complementares; capazes de gerir interseccionalidades; e também capazes para uma governança distribuída. Isso torna uma comunidade capaz de manter um equilíbrio dinâmico com o seu contexto, mudando e evoluindo em conjunto. E esta é a abordagem deste Padrão de Envolvimento 8, onde nos propomos trabalhar em como a biorregião pode evoluir como um todo.

John Thakara, um conhecido designer biorregional, explica porque é importante fazer trabalho biorregional: “O que entendi é que temos discutido num sentido muito abstrato sobre palavras como “sustentabilidade”, que não nos afetam necessariamente no nosso dia a dia. Existe uma lacuna metabólica entre o mundo natural e o criado pelo ser humano. Devido a desta divisão, fomos ouvindo que o mundo está doente, mas sem sentirmos que era realmente a nossa responsabilidade. É aqui que entra o tema de uma biorregião. O lugar tem o poder de conectar as pessoas à realidade da situação e de fornecer um contexto para criar

redes com pessoas das quais, de outra forma, discordaríamos. Biorregião é uma alternativa a todas essas palavras abstratas, uso-a para provocar as pessoas a perguntarem “Como podemos tornar o nosso lugar mais saudável e ter um futuro melhor?”. John continua, dizendo: “As comunidades estão confiantes em olhar para os seus próprios recursos e criar soluções baseadas neles, em vez de seguirem um livro de regras abstrato. O que para mim é muito inspirador é a grande variedade de maneiras com que nós inventámos no passado. Não precisamos inventar, mas sim perguntar: “Como as pessoas garantiram que todos tivessem o suficiente para comer ou que seus filhos fossem cuidados? Podemos, portanto, reinventar, modificar ou melhorar esses sistemas históricos usando as nossas ferramentas?”.

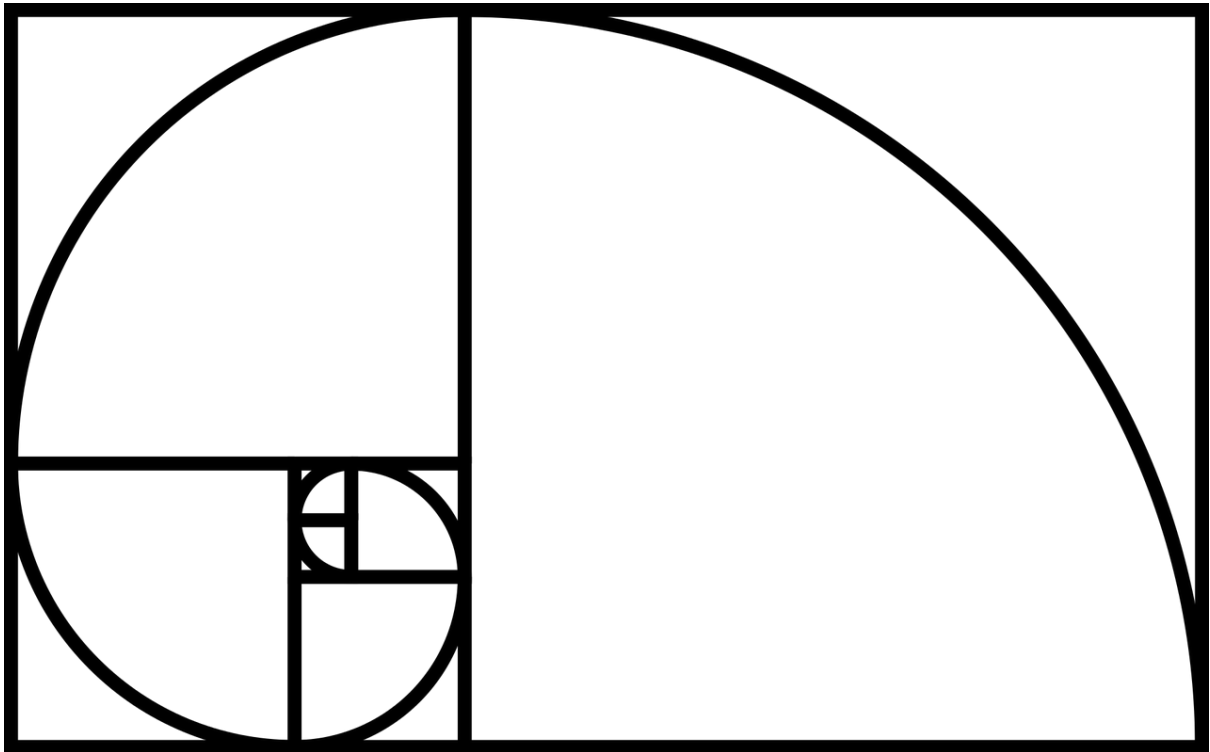
Perguntas interessantes! Vamos dar uma olhada nos Shipibo-Konibo-Xetebo, que são três nações indígenas unificadas na floresta amazônica do Peru. Estão a trabalhar na auto-governança para alcançar a auto-determinação e se tornarem uma nação, com um conselho recém-criado, chamado Coshikox. Estão a fazê-lo, gerando modos de governança participativos e equitativos. Estes modelos baseiam-se nas suas estruturas de governança tradicionais, os conselhos locais, como forma de garantir que as comunidades locais permanecem no centro de todo o desenvolvimento do projecto. Têm a Ani Tsinkiti, a assembleia anual que reúne líderes de toda a região, motivando a organização de baixo para cima e a tomada de decisão participativa. Estão a começar a trabalhar com tecnologias cartográficas digitais, para fornecer à Coshikox as ferramentas de gestão ambiental e territorial e impulsionar a sua agenda política. Combinando conhecimento espacial indígena e científico, a iniciativa visa desenvolver uma forma híbrida de representação espacial que reconheça e respeite a singularidade e a importância das expressões espaciais indígenas. O projeto de mapeamento participativo dá ao Shipibo instrumentos múltiplos e integrados para recolher dados para definir fronteiras territoriais, obter títulos de terra, quantificar recursos naturais, denunciar violações de terras e fazer cumprir o seu direito ao consentimento livre, prévio e informado. É também a plataforma para criar mapas culturais que localizam informações sociais, ambientais e históricas,

como locais de histórias ancestrais ou eventos lendários, representando uma presença digital auto-descrita com o potencial de incutir um espírito de identidade indígena renovada, que pode adaptar, participar e até mesmo promover novas ideias no mundo de hoje.

Eles também estão a trabalhar com Economias Baseadas em Plantas para apresentar oportunidades empreendedoras para Shipibo monetizar seu conhecimento sobre plantas e obter empregos locais e culturalmente específicos. A Cooperativa Agroflorestal Shipibo Koshicoop é uma iniciativa que promove a coordenação entre as comunidades agrícolas indígenas em oposição à concorrência. Tem o potencial de conciliar o desenvolvimento sustentável e a conservação através de uma solução de mercado, criando uma oportunidade de emprego a longo prazo para diminuir a emigração das comunidades indígenas ao mesmo tempo que demonstra que os produtos florestais não-madeireiros têm um valor mais elevado do que o preço dos troncos pelos quais a Amazônia é destruída.

Este exemplo Shipibo ilustra o que significa para uma comunidade agir com responsabilidade pelo seu papel na biorregião. E também expressa que não se trata de uma questão de redução, mas de como crescer, pois o povo Shipibo-Konibo-Xetebo poderá tornar-se uma referência mundial em plantas medicinais, gestão biorregional, novos tipos de tecnologias baseadas na natureza, e turismo regenerativo, junto com muitas outras possibilidades. Com a governação biorregional e a economia biorregional, eles apenas alimentarão o seu próprio potencial ao serviço do planeta como um todo.

Um símbolo antigo poderia ajudar neste processo: a Proporção de Ouro, mencionada pela primeira vez por volta de 300 a.C., nos Elementos de Euclides, a obra grega clássica sobre matemática e geometria. Esta proporção, que é um padrão altamente comum na natureza, ilustra uma relação aninhada e de crescimento exponencial a ocorrer num ritmo natural. A biorregião pode ajudar-nos a gerar um novo tipo de crescimento que inclui a natureza, alcançando um lugar próspero.



Mas o que significa fazer biorregionalismo, nas palavras do Centro de Aprendizagem Biorregional: As alterações climáticas, a perda de biodiversidade, a contração económica e as pandemias revelam sistemas sob pressão, exigindo uma resposta sistémica. Trabalhando à escala da biorregião – como as sociedades humanas se organizaram durante milénios – podemos ver os muitos ecossistemas e sistemas humanos vivos no nosso território. A biorregião é o conjunto de competências e caminhos que trazem vitalidade a estas conexões e nos permitem agir à escala do sistema.

Para este Padrão de Envolvimento, convidamos a **assumir total responsabilidade pela sua singularidade a serviço da biorregião, ouvindo e nutrindo a evolução.**

Este processo com a Proporção de Ouro permite coevoluir com a biorregião em um novo modelo de desenvolvimento.

